

PEQUENA INTRODUÇÃO À AFROASCENDÊNCIA DO BRASIL

Afonso H Lisboa da Fonseca, *psicólogo*.
Escola Experimental de Psicologia e Psicoterapia Fenomenológico Existencial
ahl.fonseca@gmail.com

Os *Afrodescendentes* constituem um segmento muito vasto da população Brasileira. Em particular nas regiões onde vigorou mais inicialmente a colonização. Isto, em particular, porque, quando falamos de *Afrodescendentes*, não podemos em absoluto nos limitar ao segmento *Afrodescendente* dos Negros Sudaneses imigrados como cativos pelo tráfico de escravos, e sua descendência Brasileira Mulata e Cafusa. *Afrodescendentes* são também os grupos e tipos étnicos de povos e mestiços Africanos não Sudaneses, especificamente do Norte da África, do Saara, e do Magreb.

As raízes afroascendentes do Brasil em muito transcendem assim à contribuição fundamental dos Negros Sudaneses, seqüestrados, cativos, e escravizados para o comércio e para as sociedades escravistas. Primeiro para o tráfico *transsaariano*, e para o Oriente, e Europa; depois, para o tráfico *transatlântico* de escravos, para as Américas.

Assim considerando, quem não é diretamente *Afrodescendente* no Brasil? Os Lusitanos ‘puros’, talvez; na medida em que isto seja concebível; em especial os que não descendem dos que passaram pela África. Os imigrantes Alemães, Poloneses, Nipônicos do século XIX, os imigrantes Coreanos e Bolivianos do Século XX; alguns outros imigrantes do Norte Europeu... Os imigrantes Italianos, ainda que os Italianos sempre tenham existido em íntima relação com a África, em particular as suas populações meridionais, mas igualmente do Veneto...

Todos esses, não obstante, quando no Brasil aportaram, imergiram numa realidade fortemente *afrodescendente*. Ou seja, uma realidade social e histórica em que a *afrodescendência* se espalhava; primeiramente pela própria elite colonial; na medida em que esta era composta de um modo importante por indivíduos e grupos que já vinham para o Brasil provenientes do colonialismo Europeu Lusitano na África. Gerações de colonialismo Lusitano na África criaram uma elite colonial mestiça, Lusitano-Africana, que se transfere para o Brasil, ligada aos negócios do açúcar, ao tráfico de escravos, e ao comércio dos produtos coloniais. Claro que, ao lado dessas um segmento com níveis variados de ‘pureza’ Lusitana, na medida em que algo assim se possa conceber.

As relações das sociedades Européias com a África colocaram estas sociedades Européias em contato com um rico e histórico *melting pot* étnico e cultural Africano, do qual os Negros Sudaneses participaram, e participam de um modo fundamental, mas do qual eles não são naturalmente os únicos constituintes. O Norte da África, o Saara, o Magreb, o Sudão – Oriental e Ocidental --, perfizeram um imenso ecótono cultural ao longo dos séculos.

Neste interagiram e miscigenaram-se Fenícios, Gregos, Hebreus, Romanos, Berberes, Sudaneses, Árabes, Mamelucos... E, a seguir, Portugueses, Espanhóis, Ingleses, Franceses, Belgas... Dentre outros.

O *melting pot* étnico e cultural Africano miscigenou, ao longo do tempo, o elemento **Berberes** com o elemento **Negro, Sudanês**. Os Berberes são um conjunto de povos nômades do Deserto do Saara, como os *Tuaregs*. Miscigenados com os Sudaneses -- de pele escura, melanodérmicos, da África Subsaariana, do Sudão --, os Berberes têm uma população que varia, em termos de cor da pele, num espectro que vai da pele de cor clara, até a pele Negra. Os Berberes habitam o Deserto do Saara, e as regiões ao Norte e Noroeste do Deserto, dos Montes Atlas, em particular, da África Sobressaariana, a África do Norte.

Os Negros, Sudaneses, habitam originalmente o Sudão -- Oriental e Ocidental --, e a floresta equatorial. O Sudão é uma faixa geográfica, de Leste a Oeste, ao Sul do Deserto do Saara, e que, por seu turno, limita-se ao Sul com a floresta tropical.

A partir do Século VIII, segundo Bonvill (), grandes levas de **Árabes** começaram a invadir o Saara, a partir do Egito, e a se estabelecerem no Saara e adjacências. Ao longo do tempo, inevitavelmente, os **Árabes**, miscigenaram-se com os **Berberes**. Miscigenação da qual resultam os **Mouros** – pejorativamente denominado, desta forma, na ótica Européia.

Descendente assim do Berbere, o **Mouro** herda e compartilha características fenotípicas de cor da pele. Em termos de pele, portanto, o **Mouro** pode variar num espectro de pigmentação que vai desde a pele de tonalidade clara, até a pele intensamente escura, melanodérmica.

O **Árabe** miscigenou-se, também, com mulheres Sudanesas, Negras; miscigenação da qual resulta o **Mulato** – especificamente Africano, e resultante, portanto, da miscigenação de pai Árabe com mãe Negra, Sudanesa.

Com a expansão do Islã, e do Império Turco Otomano, veio para e se espalharam pela África os **Mamelucos**.

Os **Mamelucos** resultam da miscigenação de **Árabes** com **Turcos**.

Os **Turcos** são de origem *Mongólica*. E emigraram da Mongólia, sua terra natal. Passaram pela China, e se estabeleceram na região da Ásia Menor onde hoje é a Turquia. O processo da miscigenação que gera o **Mameluco** se iniciou quando os Árabes escravizavam crianças Turcas, na Península Anatólica, para treiná-las militarmente e constituí-las como uma guarda especial de seus dirigentes.

Os **Mamelucos**, termo que significa *escravizados*, se constituíram assim como a guarda dos dirigentes Islâmicos. E, logo, como uma casta que ganhou poder, e se espalhou por todo o Islã. No Egito, constituíram um Sultanato Mameluco, e espalharam-se pelo Saara e adjacências, acompanhando a propagação do Islã.

De modo que, dentre outros, temos na África -- no ecótono e *melting pot* interétnico e intercultural em que a África se constitui, mormente a África

Ocidental, no Magreb, na África do Norte, no Saara, e no Sudão --, a presença do

- (1) **Negro Sudanês**, em maior ou menor proporção, com diversos grupos étnicos. Temos, também, a presença dos
- (2) **Berberes**, mais ou menos melanodérmicos; a presença dos
- (3) **Mouros**, dos
- (4) **Mulatos**, e dos
- (5) **Mamelucos**. Da mesma forma que temos a presença dos
- (6) **Semitas Africanos, Árabes e Judeus** – trazidos intensamente para a África Ocidental com a propagação do Islã, mas de presença ainda mais remota na África. A estes precisamos acrescentar os
- (7) **Turcos**, que se disseminaram com a propagação do Império Turco Otomano. É uma significativa fração de
- (8) **renegados Europeus**, que escaparam para a África, fugindo dos conflitos e das perseguições na Europa.

A imigração consistente de renegados Europeus para a África consolidou-se com a *débâcle* e conquista da Andaluzia, e a conseqüente expulsão de Mouros Árabes e Judeus, de Árabes e Judeus da Ibéria Andaluz.

A **Andaluzia**, na verdade, foi um enclave Africano no território que, posteriormente, viria a se constituir o Sul da Europa. A civilização Andaluza, que vigorou entre o Século VIII e o Século XV, foi uma civilização composta por Árabes, Judeus, e descendentes Católicos do Império Romano. Sob norma Árabe, a Andaluzia se regia pelo princípio Islâmico da *Dhyma*, segundo o qual o Muçulmano se propõe a proteger Cristãos e Judeus, uma vez que eles são *povos do Livro*.

A Andaluzia se constituiu não só como um modelo de tolerância religiosa, étnica e cultural – um modelo para a contemporaneidade --, mas como a mediação fundamental que permitiu a passagem para o Ocidente do conhecimento do Império Grego, como também do conhecimento do Oriente.

A decadência da Andaluzia ensejou a sua invasão e dominação pelos reinos Católicos do Norte Europeu. Nem a convocação dos parentes Africanos Magrebinos, do Marrocos, foi suficiente para conter a sua queda e conquista. Os Árabes e Judeus expulsos da Andaluzia pelos reinos Católicos do Norte Europeu, sob o comando de Fernando e Isabel, ele de Aragão, ela de Castela, e de D. Manuel, de Portugal, emigraram em grande parte para a África Norte Ocidental, para o Egito, para a Turquia, e para o Novo Mundo.

Encontramos os mestiços resultantes deste *melt poting* étnico e cultural Africano no âmbito da população Brasileira, para a formação da qual contribuíram de modo importante. Encontramos em grandes números os seus descendentes na população Brasileira. Em particular nas regiões que sofreram mais inicial e intensamente o processo da colonização.

Sabemos bem como chegaram até nós os Sudanese Negros escravizados. Mas e estes povos e mestiços do Saara, do Magreb, e do Norte da África?

Emigraram espontaneamente para o Brasil? Emigraram com o tráfico dos Negros Sudanese escravizados? Com o comércio colonial, com o qual estavam envolvidos junto aos Portugueses? Emigraram como capatazes, administradores e seguranças da massa de Sudanese escravizados? Como milícias dos senhores feudais? ...

O fato é que a afrodescendência da população e das culturas Brasileiras é muito mais variada do que as interpretações que a vêem como limitada à contribuição de nosso importante segmento descendente dos **Sudanese Negros** seqüestrados da África e imigrados escravizados.

Destes descendemos de um modo importante. Da mesma forma que descendemos de **Berberes**, de **Mouros**, de **Mulatos Africanos**, de **Mamelucos Africanos**, de **Semitas Africanos**, de **Turcos**, e de **renegados Europeus Africanos** e de sua descendência.

Quase todos, de uma forma ou de outra, encontram um denominador comum, e estereotípico, no *Mouro*. Da mesma forma que como *Mouros* eram entendidos os Africanos que resistiram à invasão da África, do Marrocos, e do Magreb pelas tropas européias; representadas, em particular, pela fatídica empresa de invasão concebida e desastrosamente perpetrada por D. Sebastião, de Portugal, em 1578.

Desta forma, quando examinamos a afroascendência do Brasil, constatamos um quadro muito mais diversificado de nossa afrodescendência. Por mais importante e interessante, que seja a contribuição para nossa afrodescendência da população Sudanese, dos Negros imigrados à força depois do seqüestro, da cativação, e de serem constituídos como escravos, e com tais traficados.

Mesmo as condições dos Sudanese seqüestrados em suas terras, e constituídos como escravos, e emigrados à força para o Brasil, por exemplo, carecem de serem compreendidas no contexto próprio das histórias, das sociedades, das culturas e interações do Saara, do Magreb, do Marrocos, e do Norte da África; de seus povos e tipos étnicos.

Não se pode negligenciar a importância da contribuição dos povos Sudanese mesmo para a constituição de povos e etnias do Saara, do Magreb e do Norte da África, como os Berberes, os Mouros, e os Mulatos Africanos. Não se pode negligenciar o comércio do Sudão, comércio de Ouro, e outros produtos, através do Saara, com o Norte e extremo Oriental da África; com o Magreb, e alhures. Da mesma forma que não se pode negligenciar a belicosidade genocida do Marrocos, do Norte da África e da Europa para com o Sudão. O papel dos Norte Africanos, dos Magrebinos e Saarianos, na preação de Sudanese para a escravização, e para o tráfico de Sudanese escravizados. Mas evidentemente que o seu contingente subsaariano, Sudanês não é o único constituinte da múltipla e variada rede de povos e de mestiçagens da África Norte Ocidental, do Magreb e do Saara.

Mas por que habitualmente se costuma reduzir de modo tão pertinaz a consciência de nossa afroascendencia apenas aos Negros Sudaneses?

Por motivos ideológicos, naturalmente...

Sabe Deus...

Pergunte a D. Sebastião...

Acredito que não é muito dizer que a exclusão no Brasil pode ser entendida como *a vingança de D. Sebastião*...

E, definitivamente, em termos de afrodescendência, a exclusão no Brasil não é apenas a exclusão dos Sudaneses escravizados e de seus descendentes – ainda que estes tenham sofrido a brutalidade sem par da preação, do seqüestro, e da escravização, da vida e trabalho escravos. Mas a exclusão no Brasil é, igualmente, a exclusão e a alienação de *Mouros*, de *Berberes*, de *Mulatos Africanos* – e Brasileiros --, de *Mamelucos Africanos* – e *Brasileiros*. De *Semitas Africanos*, de *renegados Europeus africanizados*.

Significativamente, todos estes faziam parte do exército Mouro de Abd El-Malek que resistiu a D. Sebastião, e trucidou-o. Que resistiu à sanha genocida da Europa renascentista com relação à África, que só antecipava o que viria então por mais trezentos anos de futuro.

Ou seja, tínhamos, no período colonial Brasileiro, uma massa de descendentes de Africanos, Negros Sudaneses, e não; Saarianos, Magrebinos, Norte Africanos, que era muito conveniente para as tarefas coloniais e demográficas, e para a guerra; mas que estaria excluída, naturalmente, dos resultados da empresa colonial.

Uma massa de descendentes de Africanos, Sudaneses e não Sudaneses, com relação à qual uma imensa e sistemática e duradoura operação ideológica precisava ser encetada. Para que, em particular, não desenvolvessem uma consciência coletiva de si.

Temos mais conhecimento das operações práticas – *entre dois cocos: pedra* – e ideológicas para impedir que a coletividade dos Negros Sudaneses tomasse consciência de si, e das possibilidades de sua ação. Certamente teremos ainda que desvendar as astuciosas medidas práticas e operações ideológicas para impedir que os *Mouros* – lato sensu – elaborassem a sua consciência coletiva...

Era bastante particular a situação do Mouro no Brasil em relação à metrópole, e às elites coloniais.

Os Mouros da Andaluzia, e, em especial, do Norte da África sempre foram o grande terror para o Sul da Europa. Os Mouros pirateavam os navios Europeus, escravizavam os seus tripulantes e passageiros, eram igualmente escravizados... A queda da Andaluzia foi retardada pela ajuda dos Mouros do Marrocos, que, por duas vezes, vieram em socorro de seus parentes. Tendo em uma das vezes atacado e saqueado a cidade de Santiago de Compostela.

Roubaram todos os sinos, para que fossem fundidos, e o ferro reutilizado na confecção de lamparinas para suas mesquitas. O paroxismo maior foi quando o tresloucado D. Sebastião decidiu operacionalizar um desvario que se lhe havia sido incutido ao longo de seu crescimento: invadir o Marrocos, para se tornar o Rei dos Mouros.

Em 1578, liderando um relutante exército Europeu, D. Sebastião, invadiu o Marrocos. Efetivamente, não tinha a mínima idéia do que lá encontraria, nem do que era uma guerra no deserto, e de quem eram e de quais condições dispunha o inimigo. Pensava tratar-se de um passeio militar, do qual sairia rapidamente vitorioso. Seu exército, e ele próprio, foram trucidados em seis horas, segundo Bonvill (). O que comoveu e assustou Portugal e a Europa. Em particular com a posterior sangria de recursos para o pagamento dos resgates de nobres e eclesiásticos, cuidadosamente aprisionados e reservados pelos Mouros para suprir um riquíssimo negócio.

Os Mouros eram, assim, para Portugal -- da mesma forma que para o Sul da Europa, e para a Europa como um todo --, um perigo, e um inimigo por excelência.

Para o Brasil colonial não se deslocou, apenas, naturalmente, uma elite colonial e os escravos que eles usavam. Em primeiro lugar é importante considerar que esta 'elite' já era também uma 'elite' colonial africana, africanizada. Na medida em que em grande parte se constituía pela elite Lusitana da empresa colonial *na África*. Já era uma 'elite' *africanizada*. *Africanizada* étnicamente e *africanizada* culturalmente. *Africanizada culturalmente*, em particular, na cultura do colonialismo. É preciso considerar esta *africanidade colonial* das elites coloniais e pós coloniais Brasileiras. Esta africanidade colonial responde por importantes de seus aspectos.

Mas deslocou-se, ou foi deslocada, igualmente, para o Brasil uma grande quantidade de Mouros, de Berberes, de Mamelucos Africanos, de Mulatos Africanos, de Semitas Africanos, e de renegados Europeus africanizados; além dos Sudaneses objetos do comércio de escravos.

Todos eles ajudavam a compor as quantidades da população de um país que a elite colonial Lusitana, e Lusitana Africanizada, não poderia suprir e compor.

Naturalmente que miscigenações significativas e diversas vão ocorrer no Brasil entre todos estes elementos, e com o elemento Lusitano, e Europeu não Lusitano. Gerando, em particular, os mestiços Brasileiros. Como o **Mameluco Brasileiro** – resultante da miscigenação do Mameluco Africano com o Ameríndio Brasileiro (miscigenação, creio, responsável pelos belos, enormes e melancólicos olhos de certos tipos do Maranhão e do Pará...). O **Mulato Brasileiro**, resultante da miscigenação do Mulato Africano, ou do Sudanês Negro Africano com o Branco Lusitano, ou com o Branco Europeu não Lusitano. O **Caboclo...** O **Curiboca**, ou **Cafuso**, resultante da miscigenação do Mulato ou do Sudanês Africano com o Ameríndio Brasileiro...

Claro que não se pode advogar tipos étnicos puros. Mas tipos originários e ideais, em vários graus de miscigenação.

No Brasil, o Mouro -- os tipos étnicos Africanos e os mestiços Africanos mudam de figura. E de função.

O grande perigo, não obstante, seria o de ele recuperar e desenvolver a auto consciência coletiva. O grande perigo seria de ele resgatar a sua história, e historicidade.

No Brasil colonial, o problema não eram as possibilidades dos ataques vin dos do Norte da África, ou dos Mouros Andaluzes. No Brasil o problema era o Indígena Ameríndio, eram as guerras contra os indígenas, e os esforços para a escravização do indígena. No Brasil colonial, o problema eram as guerras com os Europeus não lusitanos. E era o problema da administração da opressão contra a massa dos trabalhadores Sudaneses escravizados.

No enfrentamento destes problemas era limitada, naturalmente, a participação dos indígenas, e a participação dos Sudaneses...

De modo que os Mouros, os Berberes, os Mamelucos e Mulatos Africanos: os mestiços Norte Africanos, Magrebinos e Saarianos, eram o grupo de eleição por excelência.

Desde que fossem tomadas as precauções práticas e ideológicas contra a sua tomada de consciência coletiva de si. E desde que se cuidasse das preocupações práticas e ideológicas concernentes à administração da sua exclusão dos benefícios da empresa de seus "aliados", e senhores. Para a qual deles se esperava que trabalhassem com afinco e denodo.

Isso não era muito difícil. Uma vez que, apesar de povos fortes e intensamente guerreiros, estavam na ausência de seu ambiente natural. Além do mais, mestiços, dispunham de elementos de etnia Sudanesa, elementos étnicos Semítico Africanos, sobretudo Árabes; elementos de etnia Berbere, mas numa mistura que não permitia facilmente uma unificação e o desenvolvimento de uma auto consciência coletiva.

O Berbere não é originalmente Árabe, nem originalmente Muçulmano. E guarda os profundos ressentimentos do processo histórico da colonização pelos Árabes. Sua adesão ao Islamismo, enquanto religião característica de um grupo étnico é inconsistente. Da mesma forma ocorre com o Mouro, que resulta da miscigenação do Berbere com o Árabe. Por isso não há muito que pensar em unidade étnica, religiosa ou cultural dos mestiços Africanos. Na verdade, o seu maior elemento de identificação passou a ser mesmo a cultura Brasileira...

Os elementos de unificação étnica dos mestiços Norte Africanos, Magrebinos e Saarianos, os elementos de desenvolvimento de sua auto consciência coletiva não tinham uma consistência significativa. O que permitiu ao colonialista facilmente controlá-los e usá-los de modo relativamente fácil. E ainda, de modo relativamente fácil, excluí-los dos benefícios da empresa colonial.

A realidade, entretanto, é que se cria uma contradição política, uma contradição sociológica, fundada na contradição demográfica.

A da presença de uma elite Européia, ou Européia africanizada, que controla e tem o poder, os recursos e as armas; mas que não é suficiente para

povoar o país; e a presença da massa de mestiços e tipos menos mestiçados, Afrodescendentes e Brasileiros, que majoritariamente povoa efetivamente o país, mas que é originariamente despossuída, e que sofre um ataque político sistemático, prático e ideológico, para que continue sistematicamente a sê-lo. Naturalmente que é uma premissa a exclusão sistemática, e ativa -- por vias prática, políticas e ideológicas, constituídas em mecanismos culturais --, destes segmentos do usufruto dos resultados da empresa colonial, e mesmo da empresa pós-colonial. Na medida em que uma elite colonialista 'nacional' substituiu as elites colonialistas metropolitanas depois da Independência, e depois mesmo da proclamação da República. *República incompleta*, como diria Raimundo Faoro.

Assim é que o ataque genocida da Europa à África, e ao Brasil, se perpetua no Brasil, com toda a sua astúcia e sanha genocida. Trata-se de excluir a África, de excluir os africanogênicos, de excluir os nativos e mestiços Brasileiros; de usar e excluir, mesmo que esta exclusão signifique simplesmente o extermínio genocida, por vias da violência institucionalizada, ou não.

Certamente que as medidas práticas e operações ideológicas, que ainda hoje atuam a todo pano, e que configuram o coração ideológico e cultural da exclusão no Brasil fizeram, e fazem parte importante do arsenal da guerra psicológica da colonização, e de perpetuação da desigualdade na sociedade Brasileira.